

## A PESQUISA EM TEORIA LITERÁRIA COMO CAMPO DE POSSÍVEIS (RE)VISÕES DA FICÇÃO BRASILEIRA DOS SÉCULOS XIX E XXI

Felicio Laurindo Dias \*

Alexandre Amaral Ferreira \*

**Resumo:** Propomos uma análise crítica acerca das questões estéticas, políticas e ideológicas que se entrecruzam no texto literário a fim de ressignificá-lo. Deste modo, o discurso literário se apresenta como uma forma de discurso que se mostra fonte de saber e aprendizagem, sem abdicar do olhar crítico, fundamental na formação do professor/pesquisador. Neste percurso, a partir do estudo da poética de Michel Laub, na contemporaneidade, e do resgate das obras do escritor Virgílio Varzea, na estética naturalista, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, contextualizaremos as questões que nos motivam a pesquisar autores de épocas e estéticas distintas, mostrando que as relações entre passado e presente se dão nas interseções que nos ajudam a redefinir o campo conceitual traduzido por muitos como sendo a contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Teoria Literária. Crítica Literária. Pesquisa Literária

## RESEARCH IN LITERARY THEORY AS A FIELD OF BRAZILIAN FICTION POSSIBLE RE(VIEWS) FROM THE 19TH AND 21ST CENTURIES

**Abstract:** We propose a critical analysis about the aesthetic, political and ideological that intersects in the literary text, offering new point of view to it. Thus, the literary discourse is presented as a form of discourse that shows a source of knowledge and learning without giving up the critical eye, fundamental for teacher / researcher. In this perspective, starting from the study of the poetics of Michel Laub, in contemporary times, and the recovery of the works of the writer Virgilio Varzea, the naturalist aesthetic, we intend to contextualize the issues that motivate us to search authors from different time and aesthetic, showing that the relationship between past and present give the intersections that help us redefine the conceptual field translated by many to be the contemporary.

**Keywords:** Literary Theory. Literary Criticism. Literary Research.

---

\* Mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ.

\* Cursa especialização em Estudos Literários na UERJ/FFP.

## Introdução

Sob o olhar da crítica literária atual, pensar a contemporaneidade nos guia a uma discussão acerca não só dos autores que compõem a produção literária do século XX e XXI, mas também requer de nós uma compreensão mais ampla do diálogo com o passado, essencial aos que se aventuram nos estudos da contemporaneidade. Giorgio Agamben (2013) nos diz que o sujeito contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo no seu tempo e nele percebe o escuro, entendendo o sujeito contemporâneo como “[...] aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (p. 63). Ou seja, para Agamben é preciso reconhecer as complexidades do tempo, (re)constituir fatos e noções de origem, por meio de novos olhares, levando sempre em conta os espaços difusos, híbridos, em que se inserem as narrativas dos últimos anos, sem esquecer a importância do passado como norteador do que hoje se entende como herança, influência, resgate.

Para compreendermos melhor essa obscuridade da qual trata Agamben, atentemos para uma específica reflexão de Walter Benjamin (2012) sobre o sujeito histórico e seu tempo. Benjamin nos diz que o passado só se deixa capturar como uma imagem que relampeja no momento de um perigo, é um tempo irrecuperável da história que só se apreende, ainda que em sua impossibilidade, sob o risco, como uma imagem na escuridão, que ameaça tanto a existência quanto a tradição. Trata-se, para o filósofo, de fixar o passado como uma obscuridade diante do sujeito histórico, a fim de apreender esse momento de relampejo do qual tratou Walter Benjamin, ao entender que jamais traremos à história o fato em sua completude, em espaços seguros e sem a afronta do risco. Neste percurso, assumindo esta obscuridade como modo de ser e ver o contemporâneo, propomos uma reflexão com foco no debate crítico que se trava hoje: de um lado, nos concentramos na produção literária recente e em seus embates políticos, textuais e filosóficos; de outro, preocupados com o resgate e a reavaliação de escritores postos às margens do cânone literário ou, mais especificamente, atentos à possibilidade de se reescrever a historiografia literária, buscamos revalidar e reavaliar escritores, redefinindo o papel a eles reservado pela tradição crítica. Tentaremos sintetizar, de forma brevíssima, as possibilidades de reflexões geradas a partir de nossas experiências como alunos e pesquisadores do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desta forma, contextualizaremos algumas questões iniciais e seus possíveis desdobramentos acerca do entrecruzamento entre crítica literária e literatura brasileira, deixando a análise cerrada dos textos para outro momento.

Se em um momento há uma criteriosa e árdua tarefa ético-política de desconstrução de tradicionais jargões e direcionamentos historiográficos cartesianos e positivistas em parte do discurso da crítica tradicional em relação ao século XIX, preocupa-nos, também, os rumos (não) dados ou solidificados nos espaços da literatura contemporânea, cujos caminhos podem ruminar a uma nova apropriação canônica e excludente de escritores ao invés de uma produção teórica de novos modos de leituras não excludente dentro da vasta e múltipla produção ficcional hoje. Essas angústias, ora distintas, ora emaranhadas, se encontram e solidificam nas bases das pesquisas em teoria e literatura dentro dos âmbitos acadêmicos. Há de se pensar na tarefa de se (re)desenhar o passado e escrever o futuro de maneiras uníssonas e fora dos planos cartesianos e lineares de ensino de literatura.

### **A literatura e seus modos de entrada: A (re) construção de Virgílio Varzea**

No temor e na aventura de se (re)desenhar o passado sob as incertezas do presente, uma de nossas pesquisas, intitulada “*George Marcial: Virgílio Varzea e a trajetória de um romance naturalista esquecido*”<sup>1</sup>, distende as noções retrógradas de uma historiografia literária pautada em um modelo romântico-cartesiano e recupera, por meio da pesquisa histórico-literária, a possibilidade de trazer o passado por meio de sua pluralidade buscada ainda que em meio a ruínas.

Entendemos que, se o passado não mais precisa ser salvo, mas sim ressignificado frente às transformações da experiência, o papel e a importância da pesquisa é, na melhor acepção benjaminiana da narrativa histórica, a possibilidade de darmos nova forma e face ao presente, a partir das experiências do passado, marcadas pelo inacabamento e pela pluralidade, o que nos leva a compreender a verdade da história como construção, quase sempre de matriz ideológica rígida e não dialógica.

Como exemplo inicial, diremos que, um dos principais objetivos das pesquisas acerca da obra do escritor catarinense Virgílio Varzea (1863-1941) é o de problematizar a ideia de um modelo hierarquizante e hegemônico de leitura para, em seguida, propor um estudo dos romances-folhetins, categoria em que inserimos este autor, como manifestações de um gênero textual novo e válido,

---

<sup>1</sup>Pesquisa em fonte primária desenvolvida com alunos da graduação em Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, sob a orientação do professor doutor Leonardo Mendes.

ligado ao surgimento da figura do “autor-jornalista” e da concorrência entre dois regimes textuais: o literário e o jornalístico, típicos do sistema literário do século XIX (THÉRENTY, 2007).

Tradicionalmente tomado como literatura menor, o romance-folhetim foi um gênero mal falado e desprezado desde sua origem, na primeira metade do século XIX, a despeito de seu grande sucesso comercial (ou talvez por isso mesmo). Reconhecido em seu tempo, Virgílio não teve sua trajetória contemplada pelas historiografias literárias que eram, à época, de grande circulação e importância, e isso motiva nosso trabalho. Embora permeado por dúvidas, lacunas evidenciadas pela fragilidade da documentação e dos registros históricos disponíveis, acerca desse escritor, a pesquisa, no entanto, nos estimula, cada vez mais, a pensar o lugar dessa figura, sua participação e importância no campo da literatura nacional e da história da imprensa brasileira.

Levando em conta sua produção, sua história e trajetória, buscamos não só resgatar a obra de Varzea, mas também situar o autor em um “lugar” que faça jus a sua relevância, conseqüentemente, questionando seu esquecimento e quase exclusão da cena literária do século XIX. Inicialmente, propomos pensar Virgílio Varzea como um dos representantes de um pequeno e desvalorizado rol de escritores que tinham o materialismo cientificista como combustível. Sendo grande entusiasta de Émile Zola, Varzea não poupou elogios ao francês e tomou para si, em sua escrita, elementos estéticos que mais os aproximava. De fato, as fontes consultadas sugerem que Varzea era visto como um escritor naturalista pela crítica de sua época. Nesse contexto, a pesquisa visa não só a encaixar Virgílio no Naturalismo brasileiro, mas também desvendar e apontar a presença de um Naturalismo que tinha suas raízes no sul do Brasil, expressão diversa do Naturalismo de Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha, que vinham do norte.

Nas buscas e consultas aos arquivos, encontramos nosso primeiro objeto de trabalho: um folhetim escrito por Virgílio Varzea e Oscar Rosas, publicado no jornal carioca *Cidade do Rio*, nos meses de novembro e dezembro de 1890, com o título de *O Comodoro*. Anos mais tarde, em 1901, a narrativa seria publicada em forma de livro, em Portugal, com o nome de *George Marcial*, sendo assinado somente por Varzea.

Nosso trabalho passou, então, a atrelar Virgílio Varzea e sua obra ao momento naturalista brasileiro, embora ele não apareça nas historiografias tradicionais como um integrante daquele movimento. A única exceção é uma menção tímida ao seu nome por Lucia Miguel Pereira, em *Prosa de ficção: história da literatura brasileira*, trabalho de 1950. Nossa tarefa atual é o de dar continuidade à busca e aquisição de material (fontes primárias, especialmente), a fim de

fundamentar teoricamente a posição de Varzea em relação ao Naturalismo, em especial, de acordo com os postulados do crítico norte americano David Baguley, em seu livro *Naturalistic Fiction: the entropic vision* (1990), cujas reflexões constam em artigo já em produção.

Ainda não fomos capazes de compreender bem os posicionamentos estéticos do grupo de Santa Catarina (que tinha simbolistas, naturalistas e decadentistas), mas encontramos várias menções a Virgílio Varzea como escritor naturalista na imprensa da época (que também deverão fazer parte do artigo a ser publicado), o que nos dá confiança para avançar nossa hipótese, de que ele seja um “pequeno naturalista” brasileiro. Dessa forma, essa hipótese já nos direciona a um novo momento, principalmente nos possibilitando novos impactos nos recortes canônicos da historiografia.

Lidamos, assim, com o perigo dos reducionismos e dos jargões que apregoam o discurso da crítica e fixam a produção literária de um determinado período dentro de uma perspectiva positivista de historiografia, corroborando em delimitações não plurais e muito restritas à pesquisa literária. Essas delimitações conservam conceitos e grupos hierárquicos excludentes, que também são englobados nas terminologias de gerações literárias ou escolas, das quais não se restringem unicamente ao século XIX, mas percorrem e ameaçam também algumas poéticas do século XXI, que são, também, delimitadas e comumente conhecidas como ficção contemporânea, até mesmo banalizando e esvaziando ideias que em sua raiz previam justamente a desconstrução de lugares definidos e centralizados na contemporaneidade. É por isso que devemos flunar nas lições do passado, mas também nos atentarmos às escrituras das poéticas do contemporâneo, como veremos a seguir.

### **Nas lições do passado, a reflexão contemporânea**

Em um segundo momento deste trabalho, e nas trilhas do que aprendemos com a pesquisa sobre a obra de Virgílio Varzea, encadeados pela já aludida pluralidade de vozes, estamos cientes do risco que paira sobre o pesquisador, dada a natureza do objeto pesquisado – a matéria literária. Mais ainda, sabemos o quanto é árduo estabelecer diálogos com as questões do passado. Aprendemos, a todo o momento, a saudar os avanços e reconhecer as (i)limitações da crítica, em sentido amplo e polifônico: daí reconhecer que nos encontramos em um terreno pantanoso e difuso, mas, ao mesmo tempo, entendemos que é esse terreno árduo, no qual as poéticas do contemporâneo se inserem, que paradoxalmente pode se configurar como um campo cooperativo fértil, estimulando

diálogos entre o que nos move e o que estimula das pesquisas acerca de Virgílio Varzea. Nesse percurso, entrelaçados nas aporias do estatuto do tempo e do indefinível fenômeno do ser (contemporâneo), a pesquisa intitulada “(Re) leituras do trágico na ficção contemporânea”<sup>2</sup> adentra os espaços de diálogo e embate entre tradição e contemporaneidade, especialmente no âmbito da prosa brasileira contemporânea.

Nesta perspectiva, a possibilidade de diálogo entre investigações aparentemente diversas requer de nós atenção para possibilidades de leitura do texto literário, com ênfase na crítica ao cânone e na revisão de seus postulados (por extensão, queremos repensar nossa tradição cultural baseada na hegemonia e na percepção de grupos que confundem seu gosto particular como o gosto de toda uma sociedade dada). Essas questões desestruturam as noções de estilos de época baseadas em um plano de ensino conservador e canônico. Deste modo, recuperando e apresentando autores que não se enquadram na redução historiográfica hegemônica, os lemos como articuladores de discursos híbridos, não conformados às ideias contrárias, entretanto vitoriosas, acerca dos movimentos artísticos e literários. Nossa crítica quer levar em conta, ao invés do que pressupõe certa teoria canônica, a pluralidade discursiva tratada por Mikhail Bakhtin (2003), como a polifonia própria do texto literário, em especial na prosa de ficção.

No contexto atual, a reavaliação das noções estabelecidas pelas instituições literárias – para as quais Terry Eagleton (2011) já bem nos alerta – emerge a análise crítica da obra do autor gaúcho Michel Laub. Este publicou em 1998 seu primeiro livro, intitulado *Não depois do que aconteceu*, uma reunião de contos que marcam sua primeira aparição no mercado literário como escritor de literatura. Publicou também *Música anterior* (2001), *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *O gato diz adeus* (2009) e *Diário da queda* (2011) e, recentemente, o romance *A maçã envenenada* (2013).

Assim, foi a partir das reuniões e discussões do grupo de pesquisa interinstitucional *Poéticas do contemporâneo*, no âmbito da UERJ/FFP, que configuramos nosso projeto, inserido na linha de pesquisa do grupo. Nosso projeto de pesquisa privilegia a produção literária de Michel Laub, em diálogo com a teoria literária e com a produção ficcional recente. Elegemos, para tanto, a obra *Música anterior* (2001) como motor inicial para o nosso estudo, pois esta obra suscita discussões

---

<sup>2</sup>Pesquisa desenvolvida pelo grupo de pesquisa interestadual “*Poéticas do contemporâneo*” (UERJ/UESC/UNIABEU), sob a orientação do professor doutor Paulo César Silva de Oliveira, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

acerca dos temas da memória, do livre-arbítrio, das relações interpessoais, da banalidade, da ficcionalização da cidade e, principalmente, da relação trágica do ser humano com o mundo com o qual o sujeito e os discursos se relacionam.

Nesse sentido, a poética de Laub possibilita discussões e (re)leituras que visam (re)constituir o texto literário e que possam engendrar uma leitura plurissignificativa, à luz dos estudos literários e da teoria – essas possibilidades de leituras, ativas e múltiplas são também entendidas como “modos de entrada” na ficção. Neste viés, a ficção laubiana nos conclama à revisitação do passado e ao estabelecimento de conceitos da tradição literária. Laub exige de seu leitor a capacidade de (re)configurar e desconstruir ideias e ideais hegemônicos que certa parcela da crítica, tísica e ainda canônica, advoga. Esses “modos de entrada” inserem o sujeito pesquisador (nós) em

[...] um espaço difuso para assim correlacionar essas novas formas de representação literária a um novo paradigma crítico e que é homólogo às práticas sociais de hoje, decorrentes da nova ordem econômica que se mostra hegemônica (DIAS, 2013, p. 47).

O processo de investigação das mudanças e reconfigurações da literatura dentro de um panorama histórico-teórico e cultural nos aponta para uma disciplina teórica que distenda as fronteiras paradigmáticas da teoria e dos discursos mais tecnicistas em literatura. Se retomarmos brevemente alguns dos textos fundadores dos estudos culturais, encontramos em Raymond Williams, em *Política do Modernismo* (2011), a tarefa dos estudos culturais como uma possibilidade de descrever um produto cultural não somente nos níveis formais, mas também nos níveis estéticos de seus componentes internos e sociais, principalmente no que diz respeito à tradução da interferência externa que se realiza internamente na obra, ou, ainda, algo que futuramente virá a ser radicalizado no pensamento de Pierre Bourdieu, em *As regras da arte* (1996), como “Campo literário”. Contudo, parece ser insistente a discussão em defesa de um discurso autônomo da literatura não como mais um produto cultural, mas como um produto único e sob as ameaças da diluição dos estudos literários frente aos estudos culturais. Para a professora e crítica Eneida Souza (1998), a polêmica reside, justamente, na carência de conhecimento teórico, principalmente por uma parte de teóricos e especialistas que acreditam no detrimento das análises ditas estritamente literárias sob as ameaças das interpretações de cunho filosófico, sociológico, cultural ou de outras perspectivas dentro das humanidades. Decerto, tanto as análises sobre a obra de Laub, que partem de um escopo teórico aberto junto à leitura cerrada num embate com o texto, quanto às investigações de reconhecimento e revisitação de autores postos à margem do cânone,

como no caso de Virgílio Várzea, nos lançam sob uma negociação da tensão entre teoria e prática investigativa.

A desfronteirização dos saberes, o fim do discurso técnico da filosofia e a leitura multicultural e interdisciplinar nos estudos literários, constituem uma chave para uma perspectiva interdisciplinar como reconhecimento da literatura inserida dentro dos estudos da cultura e como forma de resistência às instituições literárias. Nesse caso, esse debate não estaria inserido nos relatos ou nas narrativas de cunho sociológicos e antropológico, mas sim nas artes e na averiguação do seu contexto histórico e social, que, como nas palavras de Antônio Candido (2000, p. 1), “[...] se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma”. Um pouco mais adiante, nas palavras do crítico Silviano Santiago (2008, p. 137) “[...] considerando-se esta não mais como manifestação exclusiva das belles lettres, mas como fenômeno multicultural que estava servindo para criar novas e plurais identidades sociais”.

Esses modos de entrada na ficção, seja no seu recurso de investigação em fonte primária, seja na análise estrutural, filosófica e social do texto, corroboram no momento de redefinição da crítica, principalmente ao abarcar um período em que só nos restam as zonas de risco necessárias à crítica e à investigação literária. São esses os recursos que ainda podem nos permitir a compreensão das relações de poder das instituições literárias.

Desta forma, assim como no trajeto de pesquisa acerca da recuperação literária de Virgílio Várzea e sua obra, Laub também nos expõe a um espaço de risco e de retrocessos, pois sua narrativa nos leva a atravessar um mundo de possíveis diálogos com outras obras expoentes, além de nos chamar a atenção para as impossibilidades de que respostas urgentes dadas, de forma igualmente urgente, são, quase sempre precárias. E é essa precariedade sintomática do desespero diante da presentificação, do aqui e agora, assim como um vazio, é o que nos angustia. É preciso ter cautela com certos jargões conferidos às narrativas já inseridas numa simplória rede conceitual de “literatura brasileira contemporânea”, ou “pós-moderna”, cujas perspectivas ou análises tendem a serem vistas, em um primeiro momento, dentro de uma rede geral e genérica que as expõem num mesmo conjunto de obras ditas pós-modernas ou contemporâneas sem ao menos questionarmos a validade dessas terminologias em duas diversas acepções, desde as provocações da condição pós-moderna de Jean François Lyotard, até mesmo as mais respeitadas críticas ao capitalismo tardio e - às análises da cultura de massa de Fredric Jameson e Terry Eagleton. É preciso uma maior compreensão das redes conceituais do contemporâneo, que mesmo já em processo, é preciso olhar o

que se constituiu no passado, ainda que com os pés no presente, para evitarmos o ciclo de reprodução e esvaziamento do debate.

As obras vão requerer do crítico a compreensão e revisitação de textos literários e das teorias solidificadas pela crítica que amalgamam o cânone, mas, principalmente e necessariamente, do questionamento da própria instituição literária que confere às obras um estatuto canônico e referente a uma determinada rede conceitual de literatura determinada pelas relações estéticas e temporais, como a classificação de literatura contemporânea. Respeitando as necessidades de cada objeto literário visto em sua singularidade, objetivamos produzir novos e múltiplos sentidos para novas questões ligadas às obras relacionadas, à luz da teoria – no sentido da reavaliar as fronteiras dos saberes, conforme Fredric Jameson (2006) – ou mesmo por meio da pesquisa histórica, que contemple a investigação dos acervos e alimente uma arqueologia desestabilizadora das noções vigentes de cânone literário.

Quando Bourdieu, em *As Regras da Arte*, cunha o campo literário como um campo de batalha e nos entrega ferramentas do capital literário que nomeiam a obra dentro do campo a partir de valor, prestígio e poder, o que se tem é uma abertura e alargamento da esfera da crítica e da própria teoria em si. Assim como o escritor, o pesquisador de literatura ou teórico literário não tem posse de uma autonomização (das regras) ou do próprio capital literário que possibilite alterar as regras do jogo deste campo, ou mesmo, alterar num rasgo radical a história de valores e conceitos já estipulados. Mas há a possibilidade de um capital simbólico pelo que nos é legado dos estudos culturais, da pesquisa em fonte primária e das perspectivas interdisciplinares em teoria, para que possamos repensar as condições da história literária e compreendermos as peças fundamentais que estruturam esse jogo, seja na (re)descoberta do passado ou nas (in)certezas no projeto inacabado que é o presente, que, por vezes arbitrário, conservador e tecnicista, estipula jargões, visões reducionistas, verdades edificantes e perspectivas positivistas e cartesianas de literatura, colocando o que não convém à instituição literária à margem.

### **Considerações finais**

Entendendo a literatura como uma das possíveis formas de se revisitar a tradição, sem negar as experiências do passado e sem abolir as possibilidades do futuro, como adverte Aducci Novaes (2008), temos a ideia de história como imbricação de relações políticas, culturais e sociais em uma época ou em um tempo dados. Com isso, a pesquisa literária – aqui compreendida como algo

concentrado na leitura cerrada dos textos literários, de suas teorias, de seus documentos, enredados nos dispositivos histórico-culturais – se configura para além da ideia de reconstruir o passado a partir de fatos amalgamados pela matéria histórica e literária. Sendo assim, a literatura é, também, uma forma de fixar a discussão político-cultural que estabelece, a partir do paradigma crítico-reflexivo da crítica atual, “operações culturais” e estratégias discursivas que iluminam o passado a partir das diferentes maneiras de correlacioná-lo com o presente, conforme Aداuto Novaes (2008, p. 11) bem sintetizou:

A História não é, pois, a passagem de um amontoado de fatos desordenados a ideias abstratas atemporais. Como trabalho de pensamento, ela é “a retomada de operações culturais começadas antes de nós, seguidas de múltiplas maneiras, e que nos ‘reanimamos’ ou ‘reativamos’ a partir do nosso presente. Operações culturais capazes de “abalar a imaginação” para que possamos conceber, como escreve Merleau-Ponty, toda a sorte de possíveis dos quais não temos experiência.

Neste contexto, assumindo os possíveis riscos do embate com a tradição e velhos paradigmas da concepção de história na contemporaneidade, esse resgate do passado, através da incursão histórica das culturas, deve se dar pelo reconhecimento da margem e das culturas dos sujeitos na história literária. Com isso, entendemos a literatura, especificamente a ficção e as teorias disponíveis, como um aparato teórico que nos auxilia a ressignificar os textos, assim destituir certos paradigmas rígidos que formam algumas noções arraigadas sobre o que sejam as narrativas, imobilizando-as.

Daí que assumimos, aqui, uma posição do olhar contemporâneo como necessariamente crítico, como uma possível e desejável ressignificação das verdades e origens, entendendo a literatura como aquilo que nos possibilita o diálogo com o mundo. Nas palavras do professor Paulo César Silva de Oliveira (2010, p. 35), a literatura, ou a escritura, deve ser entendida como “redução das complexidades em um mundo cada vez mais afeito à redução de todas as formas”. Vemos então, na pesquisa, uma possibilidade de desestabilizar, com o auxílio das teorias e dos acervos, as noções precárias e reducionistas que, no lugar de uma crítica encomiástica, entenda a literatura, hoje, em seus espaços, seja por meio de sua economia interna, seja em seu tempo (presente) ou por meio de questões extemporâneas, ou seja; é preciso ter ciência de que as reflexões, fora do pensamento dialético ocidental, podem também ser amargas. Desta forma, precisamos assumir riscos, sob olhares suspeitosos e no risco de objeções, próprias de tempos incertos e obscuros.

O estudo da literatura contemporânea expõe o crítico e o pesquisador a um exercício de adaptação, avanços e retrocessos, em que o presente se caracteriza por inseguranças e incertezas,

gerando um espaço conflituoso entre literatura, história, mundo, sociedade, ficção, mercado e escritor. A atual produção literária, especialmente a dos últimos dez anos, é marcada por obras que se enquadram no período comumente chamado de pós-modernismo – o qual não podemos simplesmente definir ou julgar, mas sim questionar suas (im)possibilidades, suas divergências epistemológicas, seus limites e seus impasses.

Portanto, o que visamos neste trabalho conjunto foi o estabelecimento de algumas considerações, partindo da aproximação de nossas experiências enquanto alunos/pesquisadores do curso de Letras, a fim de mostrar que, apesar da investigação pautada no estudo de escritores tão distantes no espaço-tempo, nossas pesquisas acabam por se entrecruzar, irmanadas por questionamentos semelhantes, que se aproximam, e cooperam para a formação discente em Letras, especialmente na busca de um olhar mais ativo e crítico frente ao objeto literário.

Tanto na investigação de acervos e periódicos literários do século XIX, quanto na análise crítica e na leitura cerrada da nova produção literária, se ampliam as possibilidades de reestruturação, sob os auspícios do “surgimento de um novo tipo de vida social e uma nova ordem econômica” (JAMESON, 2006, p. 20) e de leituras múltiplas que possibilitem a revisão das possibilidades de diálogo com o mundo e com as condições de publicação em uma época dada. Tal possibilidade só se revela no risco da pesquisa e com o amparo da teoria, e assume um papel e um lugar combativo na crítica literária, onde o poder e as práticas culturais são contestados e desafiados.

Assim, pesquisar Virgílio Varzea é o mesmo que compreender as condições de sua produção em uma determinada época, tendo em vista as possibilidades de redefinição dos critérios de valor que moldaram certas verdades emitidas pela crítica literária no século XIX e ao longo do XX. Tal incursão vislumbra desconstruir os critérios que corroboraram a marginalização dos escritos de autores desvalorizados, por meio de critérios críticos baseados em ideias excludentes que leram mal e de forma nociva a posição do Naturalismo no percurso historiográfico brasileiro.

Amplia-se, assim, a possibilidade de resgatar autores a fim de aderir novas significações ao que se entende por naturalismo, partindo não só de um olhar que incida em sua época de produção, mas também inserindo diferentes e múltiplos entendimentos sobre o fenômeno literário e sua forma de diálogo com o mundo.

Faz-se, finalmente, da visão benjaminiana sobre a história uma possibilidade, em que as forças políticas e ideológicas dos discursos emergem na literatura, sem que precisemos abdicar do

jogo e do lúdico (e, por extensão, o jogo semiótico *barthesiano*), mas sempre nos lembrando de que devemos fincar os pés no presente, sem deixarmos de estreitar relações com o passado.

Se há uma tarefa designada ao teórico ou pesquisador da literatura, essa pode ser definida pela recusa do pesquisador como um sujeito diletante, a contemplar nuvens, mas na afirmação de alguém que entende as questões do seu tempo e as coloca em perspectiva, sendo ao mesmo tempo dialógico e discursivo, crítico e ideológico, político e humano. É necessário trazer à superfície do texto as contradições simbólicas de uma história reprimida, concebendo na literatura e nas manifestações culturais em geral o reconhecimento das externalizações que circunscrevem a obra literária e aquilo que a desloca à margem. Eis a proposta de revisar, desconstruir e produzir novos modos de entradas – esses múltiplos e desfronteirizados.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. São Paulo: Argos, 2013.

BAGULEY, David. **Naturalistic fiction: the entropic vision.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, Felício. (Re) leituras do trágico na ficção contemporânea: o cotidiano e o homem comum, em Música anterior, de Michel Laub. **Alumni**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 57-66, 2013.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAUB, Michel. **A maçã envenenada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **O diário da queda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **O gato diz adeus.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **O segundo tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Longe da água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Música anterior**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Não depois do que aconteceu**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1998.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

NOVAES, Adauto. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Paulo César. **Poéticas da distensão** (entre a transcrição da paisagem e a escritura do caminho: crítica e desconstrução no Grande Sertão: veredas). Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Florianópolis, n. 4, p. 19-29, 1998.

THÉRENTY, Marie-Ève. **La littérature au quotidien**: poétiques journalistique sauXIXe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

VARZEA, Virgílio. **George marcial, romance da sociedade e da política do fim do império**. Porto: Editores Tavares Cardoso e Irmão, 1901.

WILLIAMS, Raymond. **Política do modernismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.